



# A Santa Sé

---

PAPA JOÃO PAULO II

## **AUDIÊNCIA GERAL**

*Quarta-feira, 13 de Janeiro de 1982*

### ***Valor primeiro e definitivo do corpo humano***

1. "Quando ressuscitarem... nem casarão, nem se darão em casamento, mas serão como anjos nos céus" (*Mc* 12, 25, analogamente *Mt* 22, 30). "... São semelhantes aos anjos e, sendo filhos da ressurreição, são filhos de Deus" (*Lc* 20, 36).

As palavras, com que se refere Cristo à futura ressurreição — palavras confirmadas de maneira singular pela Sua própria ressurreição —, completam o que nas presentes reflexões nos habituámos a chamar "revelação do corpo". Tal revelação penetra, por assim dizer, no coração mesmo da realidade que experimentamos, e esta realidade é sobretudo o homem, o seu corpo: o corpo do homem "histórico". Ao mesmo tempo, tal revelação consente-nos ultrapassar a esfera desta experiência em duas direcções. Primeiro, na direcção daquele "princípio" ao qual faz referência Cristo na sua conversa com os Fariseus a respeito da indissolubilidade do matrimónio (cf. *Mt* 19, 3-8); depois, na direcção do "mundo futuro", para o qual o Mestre dirige os espíritos e os seus ouvintes, em presença dos Saduceus que "afirmam que não há a ressurreição" (*Mt* 22, 23).

2. Nem a verdade, sobre aquele "princípio" de que fala Cristo, nem a verdade escatológica, podem ser atingidas pelo homem só com os métodos empíricos e racionalistas. Todavia, não é acaso possível afirmar que o homem traz, em certo sentido, estas duas dimensões no fundo da experiência do próprio ser, ou antes que ele de algum modo está encaminhado para elas como para dimensões que justificam plenamente o significado mesmo do seu ser corpo, isto é, do seu ser homem "carnal"? Enquanto, depois, à dimensão escatológica, não é acaso verdade que a morte mesma e a destruição do corpo podem conferir ao homem um eloquente significado a

respeito da experiência em que se realiza o sentido pessoal da existência? Quando Cristo fala da futura ressurreição, as Suas palavras não caem no vácuo. A experiência da humanidade, especialmente a experiência do corpo, permitem ao ouvinte unir àquelas palavras a imagem da sua nova existência no "mundo futuro", a que a experiência terrena fornece o substrato e a base? Uma correspondente reconstrução teológica é possível.

3. Para a construção desta imagem — que, quanto ao conteúdo, corresponde ao artigo da nossa profissão de fé: "creio na ressurreição dos mortos" — concorre em grande medida o conhecimento de que existe uma relação entre a experiência terrena e toda a dimensão do "princípio" bíblico do homem no mundo. Se no princípio Deus "os criou varão e mulher" (*Gén 1, 27*), se nesta dualidade relativa ao corpo previu também tal unidade que "serão uma só carne" (*Gén 2, 24*), se ligou esta unidade à bênção da fecundidade ou seja da procriação (cf. *Gén 1, 29*), e se agora, falando da futura ressurreição diante dos Saduceus, Cristo explica que "no outro mundo "nem casarão nem se darão em casamento" — então é claro que se trata aqui de um desenvolvimento da *verdade sobre o homem mesmo*. Cristo indica a Sua identidade, embora esta identidade se *realize na experiência escatológica de modo diverso a respeito* da experiência do "princípio" mesmo, e de toda a história. Todavia, o homem será sempre o mesmo, tal como saiu das mãos do seu Criador e Pai. Cristo diz: "Nem casarão, nem se darão em casamento", mas não afirma que este homem do "mundo futuro" já não será varão e mulher como o foi "desde o princípio". É portanto evidente que o significado de ser, quanto ao corpo, varão ou mulher no "mundo futuro" deve procurar-se fora do matrimónio e da procriação, mas não há qualquer motivo para o procurar fora daquilo que (independentemente da bênção da procriação) deriva do mistério mesmo da criação e que em seguida forma também a mais profunda estrutura da história do homem sobre a terra, dado que esta história foi profundamente compenetrada pelo mistério da redenção.

4. Na sua situação original, o homem portanto *está só* e ao mesmo tempo *torna-se* varão e mulher: unidade dos dois. Na sua solidão "revela-se" a si como pessoa, para "revelar", ao mesmo tempo, na unidade dos dois a comunhão das pessoas. Num ou noutro estado, o ser humano constitui-se como imagem e semelhança de Deus. Desde o princípio o homem é também corpo entre os corpos e na unidade dos dois *torna-se* varão e mulher, descobrindo o significado "esponsal" do seu corpo à medida de sujeito pessoal. Em seguida, o sentido de ser corpo e, em particular, de ser no corpo varão e mulher, está ligado com o matrimónio e a procriação (quer dizer, com a paternidade e a maternidade). Todavia, o *significado original e fundamental de ser corpo*, como também de ser, enquanto corpo, varão e mulher — isto é precisamente aquele significado "esponsal" — *está unido a o homem ser criado como pessoa e chamado à vida "in communionem personarum"*. O matrimónio e a procriação em si mesma não determinam definitivamente o significado original e fundamental do ser corpo nem do ser, enquanto corpo, varão e mulher. O matrimónio e a procriação dão só realidade concreta àquele significado nas dimensões da história. A ressurreição indica o encerramento da dimensão histórica. E eis que as palavras "quando ressuscitarem os mortos... nem casarão nem se darão em casamento" (*Mc 12,*

25) exprimem univocamente não só qual significado não terá o corpo humano no "mundo futuro", mas consentem-nos também deduzir que o significado "esposal" do corpo, na ressurreição para a vida futura, corresponderá de modo perfeito quer ao homem, como varão-mulher, ser pessoa criada à "imagem e semelhança de Deus", quer a esta imagem se realizar na comunhão das pessoas. Aquele significado "esposal" de ser corpo realizar-se-á, portanto, como *significado perfeitamente pessoal e comunitário ao mesmo tempo*.

5. Falando do corpo glorificado através da ressurreição para a vida futura, temos no espírito o homem, varão-mulher, em toda a verdade da sua humanidade: o homem que, *juntamente com a experiência escatológica do Deus vivo (com a visão "face a face")*, *experimentará precisamente tal significado do próprio corpo*. Será esta uma experiência completamente nova, e ao mesmo tempo não será de nenhum modo alheada por aquilo em que o homem "desde o princípio" teve parte e também não por aquilo que, na dimensão histórica da sua existência, constituiu nele a fonte da tensão entre o espírito e o corpo, relativa sobretudo precisamente ao significado procriativo do corpo e do sexo. O homem do "mundo futuro" encontrará, nessa nova experiência do próprio corpo, exactamente a *realização* daquilo que trazia em si, perene e historicamente, em certo sentido, como herança e mais ainda como encargo e objectivo, como conteúdo do "ethos".

6. A *glorificação do corpo*, como fruto escatológico da sua espiritualidade divinizante, revelará o valor definitivo daquilo que desde o princípio devia ser sinal distintivo da pessoa criada no mundo visível, como também meio do recíproco comunicar-se entre as pessoas e uma autêntica expressão da verdade e do amor, pela qual se constrói a *communio personarum*. Aquele perene significado do corpo humano — a que a existência de cada homem, gravado pela hereditariedade da concupiscência, trouxe necessariamente uma série de limitações, lutas e sofrimentos — então se desvelará de novo, e se desvelará em tal *simplicidade e esplendor* juntamente, de maneira que todo o participante do "outro mundo" encontrará, no seu corpo glorificado, a fonte da liberdade do dom. A perfeita "liberdade dos filhos de Deus" (cf. *Rom 8, 14*) alimentará, com aquele dom, também cada uma das comunhões que formarão a grande comunidade da comunhão dos santos.

7. É demasiado evidente que — sobre a base das experiências e conhecimentos do homem na temporalidade, isto é "neste mundo" — *é difícil construir uma imagem plenamente adequada* do "mundo futuro". Todavia, não há ao mesmo tempo dúvida de que, com a ajuda das palavras de Cristo, é possível e alcançável certa aproximação pelo menos desta imagem. Servimo-nos desta aproximação teológica, professando a nossa fé na "ressurreição dos mortos" e na "vida eterna", como também a fé na "comunhão dos santos", que pertence à realidade do "mundo futuro".

8. Ao concluirmos esta parte das nossas reflexões, convém verificar uma vez mais que as palavras de Cristo referidas pelos Evangelhos sinópticos (*Mt 22, 30; Mc 12, 25; Lc 20, 34-35*) *têm significado determinante* não só pelo que respeita às palavras do Livro do Génesis (às quais Cristo se refere noutra circunstância), mas também naquilo que se relaciona com toda a Bíblia. Estas palavras consentem-nos, em certo sentido, ler novamente — isto é até ao fundo — todo o

significado revelado do corpo, o significado de ser homem, isto é pessoa "encarnada", de ser enquanto corpo varão-mulher. Estas palavras permitem-nos compreender o que pode significar, na dimensão escatológica do "outro mundo", aquela unidade na humanidade, que foi constituída "no princípio" e que as palavras de Génesis 2, 24 ("O homem... unir-se-á a sua mulher e os dois serão uma só carne"), pronunciadas no acto da criação do homem como varão e mulher, pareciam orientar-se — se não completamente, pelo menos sobretudo — para "este mundo". Dado que as palavras do Livro do Génesis eram quase o limiar de toda a teologia do corpo — limiar sobre que se baseou Cristo no seu ensinamento sobre o matrimónio e sobre a indissolubilidade dele — então é necessário admitir que as Suas palavras, referidas pelos Sinópticos, são como *um novo limiar desta verdade integral sobre o homem*, que encontramos na Palavra revelada de Deus. É indispensável que nos detenhamos neste limiar, se queremos que a nossa teologia do corpo — e também a nossa "espiritualidade do corpo" cristã — possam servir-se dela como de uma imagem completa.

---

### Apelo pela Polónia

A 3 de Janeiro corrente foi lida na Polónia a minha carta pelo *sexcentésimo aniversário de Nossa Senhora de Jasna Góra*.

Desejo agora continuar aquela carta, que escrevi na solenidade da Imaculada Conceição.

Desejo fazê-lo, em forma de oração à Mãe da Igreja e à Mãe da minha Nação; oração de que recitaremos um trecho após o outro durante os nossos encontros, as audiências das quartas-feiras.

Nestas Audiências Gerais participaram sempre alguns peregrinos provenientes da Polónia e nelas, por conseguinte, ouvia-se a nossa língua materna.

Agora, devido ao deplorável "estado de assédio", que persiste há já um mês, aos meus compatriotas é praticamente impossível vir a Roma.

Todavia, eles não deixam de estar moralmente aqui presentes. Os participantes nas Audiências, vindos de outras nações, sentem a ausência deles. E nesta ausência vêem a limitação e a violação dos direitos respeitantes aos homens livres.

Portanto — como todas as quartas-feiras — também hoje falo em polaco. As minhas palavras dou forma de oração dirigida a Ela, à *Senhora de Jasna Góra*:

## Oração à Rainha da Polónia /1

De facto por Teu intermédio — e diante de Ti — encontramos-nos todos mesmo quando estamos separados pela distância, pelas fronteiras, pelos muros dos campos e das prisões. Mais do que uma vez assim aconteceu no decurso da história. E mais do que uma vez se verificou e reconfirmou que diante de Ti, nossa Mãe e Rainha, estamos mutuamente presentes.

E eis que no ano do Teu sexcentésimo aniversário — e nosso jubileu — mais uma vez nos cabe fazer esta experiência: a todos os meus compatriotas na Pátria — e a mim, filho da mesma Terra e Bispo de Roma.

Como primeiro dom do sexto Centenário oferecemos-Te esta experiência.

A Ti, Mãe de misericórdia, confiamos também todos aqueles que nestes últimos dias sofrem dolorosamente na Pátria em consequência do aluvião, e aqueles que, não poupando esforços, se prodigam por levar lenitivo para esta calamidade.

---

### Saudações

#### *Aos peregrinos de língua inglesa*

Desejaria dirigir uma especial saudação aos diáconos da Arquidiocese de Chicago, que se encontram aqui com as suas famílias. Faço votos por que presteis um serviço generoso e dedicado no ministério para o qual fostes chamados, proclamando, mediante a palavra e a acção, o Deus da salvação em Jesus Cristo. No Seu nome vos abençoo.

#### *Aos peregrinos italianos*

Dirijo agora uma particular saudação aos peregrinos da Paróquia da Imaculada, na diocese de Molfetta, os quais juntamente com o seu Pároco, vieram aqui, por ocasião do 80º aniversário da fundação da própria Associação "Madonna di Lourdes", a fim de dar a benzer ao Papa a estátua de Nossa Senhora, que depois passará por todas as famílias da Paróquia, em devota "peregrinação".

Ao exprimir-vos o meu apreço por esta vossa iniciativa, satisfaço de bom grado o vosso desejo de benzer a imagem da Santíssima Virgem, exortando-vos a depositar a vossa confiança n'Ela, que,

sendo Mãe e Advogada, não deixará de vos assistir e proteger nas vossas necessidades materiais e espirituais.

Saúdo também os *jovens* e as *jovens* aqui presentes: o Senhor aumente cada mais a vossa alegria e vos faça progredir no seu amor, na sua paz e na sua esperança: valores estes de que o mundo tanta necessidade tem e espera de vós, que representais as forças mais vivas e mais disponíveis para o verdadeiro bem da Igreja e da sociedade.

Aos *Doentes* aqui presentes e aos que se encontram nas enfermarias dos hospitais, nas casas de saúde e nas famílias, digo: jamais deveis sentir-vos sós, porque o Senhor está convosco e nunca vos abandona. Sede corajosos e fortes; uni as vossas dores e os vossos sofrimentos aos do Crucificado e tornar-vos-eis co-redentores da humanidade, juntamente com Cristo. O Papa está convosco e recorda-vos sempre na oração.

Um pensamento de bons votos vai também para os *jovens casais*, que iniciaram há pouco uma nova vida sob o sinal sacramental da graça de Deus. Caríssimos jovens casais, tende sempre diante da vossa consciência o sentido cristão da família, por mim recordado recentemente na Exortação *Familiaris consortio*: esta concepção da vida familiar encher-vos-á de alegria e dar-vos-á a força para vencer todos os obstáculos. A minha bênção vos acompanhe.

© Copyright 1982 - Libreria Editrice Vaticana